

Resenha do livro: Roberto Mangabeira Unger. *O que a esquerda deve propor*. RJ: Editora Civilização Brasileira. 2008.

A ESQUERDA QUE ALUMIA E ENCANDEIA

Mércio Pereira Gomes*

Não sei como outras pessoas irão digerir esse novo livro de Mangabeira Unger, mas, para mim, sobra o sentimento de que a esquerda é uma chama eterna reluzindo numa noite escura, mas só alumia aquilo que pode ser visto pelos que estão perto dela. Mangabeira não tem dúvidas sobre o que a esquerda é, mas só ele a pode ver desse jeito, já que ele está com o facho na mão. Tentei me aproximar, chegava perto, ela alumia tudo ao redor, eu me iluminava de imenso, mas logo a chama sumia, eu ficava encandeado e não enxergava mais nada ao redor. Piscava, desanuviava os olhos, e logo via a chama mais adiante alumiaando outras paragens.

Para Mangabeira a esquerda não é só um sonho, uma *facho iluminante* numa noite escura, um verso poético que enleva os homens. Ela pode ser programada, com diagnósticos sóbrios levando em conta fatores econômicos, luta de classes, guerras de nações, análises de fatores psicológicos, comparações históricas, pressupostos de renovação da humanidade.

Há alguns graves senões sobre a proposta de Mangabeira para a esquerda mundial. Um deles é um vazio de análise cultural, algo que também aconteceu com Marx, e que só surge despistada no social e disfarçada em consciência individual e em psicologia social. Mas o maior dos senões não deixa de ser preocupante: se ele quer nos convencer, com insistência rebarbativa, de que não existe capitalismo, como poderá agora haver social democracia e mercado, e como pode haver esquerda? Também não haveria feudalismo para Mangabeira: seriam não mais que conceitos metafísicos, invencionices de Marx, seus antecessores e seguidores. Sociologia anti-libertária que ele desdenha. Porém se não é dentro de um conjunto sistemático de atividades e instituições que se conveio chamar de capitalismo, nem de algo chamado feudalismo, ou de um pretendido socialismo, por que o mundo se dividiria entre posições conservadoras e posições progressistas. Por que haveria conflitos entre classes, algo que ele com alguma relutância admite existir?

Mangabeira é um filósofo em sua complexidade platônica. É um lógico, à moda de Hegel, que usa a dialética como agente atuante dentro da lógica do sistema, a lógica clássica aristotélica, e por isso mesmo torna-se um pragmático *avant la lettre*; é um ontólogo, à moda de Descartes, que define o homem como um ser de consciência, livre e capaz de ir além do

sistema cultural; e é um teólogo, à moda de São Paulo, que explicita uma ética e aponta para uma religião da humanidade.

Vir agora a ser esquerdista pode parecer um descenso, mas não é. Posicionar-se no espectro político, propor um programa político para o mundo faz de Mangabeira um filósofo ainda mais completo - e até menos complexo -, preocupado com seu tempo, uma espécie de iluminista dos últimos dias. Todos os grandes filósofos, desde Platão, fizeram isso. Há consistência entre o filósofo e o político. O programa de esquerda se baseia numa ontologia libertária, numa lógica de transformação (sem revolução e sem evolução) e numa religião que pretende divinizar a humanidade.

No que se distingue o programa de esquerda de Mangabeira de outros programas de esquerda, desde Marx e Lenin, passando pela social democracia, os novos projetos pós-marxistas, a terceira via inglesa, ou a retomada do sentimento revolucionário de mudanças radicais?

Uma grande diferença é a concepção de classe social. Mangabeira acha que as classes sociais são quatro: uma classe alta rentista e empresarial; uma classe média gerencial e intelectual; uma classe trabalhadora; e uma subclasse de excluídos. Em cada país há dosagens e especificidades de atuação de cada classe, maior ou menor flexibilidade, sendo que nos países subdesenvolvidos a subclasse é a mais populosa. O papel da esquerda é elevar a subclasse pela educação, ampliar a atuação da classe de gerentes e intelectuais pela sua inserção na política e resgatar a classe trabalhadora de seu acomodamento infeliz. A classe rentista e empresarial vai ficando por aí, diminuindo seu peso e influência, se as demais souberem ser de esquerda.

Há três grandes sistemas políticos na atualidade, correspondentes a três grandes blocos de poder econômico. Há o sistema americano caracterizado por sua plasticidade, cooperação e pela atuação desmedida do "pequeno Napoleão", mais conhecido como o self-made man. Há a social democracia européia com sua proteção compensatória ao trabalhador; e há os países em desenvolvimento misturando com frequência o que há de pior dos elementos dos dois sistemas anteriores. O resto do mundo não conta como sujeito da história.

Todos os sistemas têm mais defeitos graves do que vantagens, claro. Mangabeira não perdoa nem os Estados Unidos, que, aliás, ele descreve com mais profundidade psicológica e social do que qualquer outro sistema. Para se criar um sistema econômico e social melhor (perfeito, não) é preciso misturar uma série de atributos psicológicos e culturais do ser humano individual e coletivo com a criação de uma série de novas instituições sociais revitalizantes. Os atributos humanos são: a confiança em si mesmo, capaz de fugir do cerco social, o uso da imaginação e a ousadia para agir. Mais poderosa ainda é a mistura entre o espírito cooperativo e a iniciativa individual. Não estamos diante do super-homem

nietzscheano, desalmado e egótico, mas de um super-homem paulino, imbuído de um sentimento divinizante de amor ao próximo.

As instituições revitalizantes principais são de ordens políticas, econômicas e sociais, mas valem para todos esses três sistemas e outros mais que estejam a fim de mudar. Educação criativa para resolver problemas e inventar novidades. Presença do Estado em setores estratégicos de desenvolvimento localizado. Atuação voluntária de homens e mulheres livres em cooperação com atividades privadas e públicas. Liberdade para ação empresarial com sentido de responsabilidade social e autocontrole. Uma série de propostas econômicas, como bancos locais, crédito para novos empreendimentos, popularização de inovações administrativas, fecham o círculo de instituições revitalizantes. É uma soma em que todos ganham.

O programa de esquerda de Mangabeira é viável para o Brasil? Quem sabe, mas o problema é que não será nem aceitável! Como diz o filósofo brasileiro Luiz Sérgio Sampaio, a esquerda brasileira está atolada na lógica dialética triádica e não entende que a verdade do mundo vai além da dialética. Daí porque só raciocina socialmente com a luta de duas classes, incapaz de ver três ou quatro classes funcionando, se não como apêndices subordinados. Mangabeira, como lógico pragmático, sabe que existe uma lógica mais abrangente do que a dialética, a lógica clássica ou do terceiro excluído, a lógica do sistema; mas sabe também que essa lógica, deixada por si mesma, provoca a sistematização da vida e, eventualmente, a anomia cultural, tal como vemos agora com o desconstrucionismo. Daí o uso que faz da lógica dialética, a lógica que trata da história e que age como consciência dentro da lógica clássica do mundo sistematizado.

O programa de esquerda de Mangabeira almeja o reino da liberdade, com o qual Marx sonhou e viu como necessário e real, mas deixou-o sem projeto de construção. Mangabeira acha que esse reino é alcançável pelo método de tentativa e erro, por uma busca infatigável, humilde e cristãmente inspirada. A esquerda brasileira, em seus vários matizes e enraizamentos partidários, não será capaz de absorver a pragmática esquerdista de Mangabeira, não por mero preconceito, mas simplesmente porque lhe falta a renovação da sua lógica básica. Em alguns aspectos vai achar parecido com o programa positivista de evolução sem revolução e vai desdenhá-lo. Em outros, vai achar que é puro voluntarismo, confundindo vontade com consciência e não com história. Mas, no fundo, o que mais vai irritar a nossa esquerda, se ela não despertar, é saber que pode existir algo que não lhe parece mais tangível, por desesperança que está e por inerte que se quedou.

* Phd em Antropologia pela Universidade da Flórida (EUA), ex-presidente da FUNAI e professor da Universidade Federal Fluminense. merciogomes.blogspot.com